

LDE 2 – CENA DE JANTAR. MESA, CONVERSA, ALGO ACONTECENDO ALÉM-MESA.

Triiiim.

- Quem será, quem será? perguntou zombeteiramente papai.

- Sou eu! Respondi zombeteiramente, repetindo o velho jogo da família.

O velho Aurélio abriu uma fresta da porta e fechou novamente: - Ah, não é aqui não, foi engano... E, gargalhando, abriu a porta por inteiro, abrindo também os braços para nos acolher.

Entramos eu, Ricardo e Arthur, correndo para saudar Conde, o falso schnautzer que saltava e rodava sobre si, feliz da vida com nossa chegada.

- Quem já está aí? Perguntei, baixando as sacolas com os presentes – Ouço barulho de copos na cozinha!

- Eu quero uma cerveja, disse Ricardo invadindo a casa sem a menor cerimônia.

Minha mãe vinha mais atrás, levantando do sofá: - Seu primo está aí desde de manhã! Já me ajudou a cozinhar as castanhas, a fritar os bolinhos de bacalhau e a fazer a salada de frutas. Isabela também chegou cedo e já fez as rabanadas. Se eu fosse esperar por vocês...

- Mãe, você sabe que com o Arthur é impossível sair de casa cedo. Até convencer ele a levantar, escovar os dentes, tomar banho e se vestir, já está quase de noite!

- Não fale mal do meu neto! Eu proíbo!!! E, dirigindo-se para o neto, rolando no tapete com o cachorro da casa, que lhe lambia todo o rosto – Vem cá, meu filho, deixe esse cachorro bobalhão pra lá, vem dar um beijo na vovó, vem...

- Ele não é nada bobalhão, vovó... resmungou o pequeno.

- Você vai querer um vinho ou uma cerveja, minha filha?

Meu pai sempre se ocupava das bebidas. Não, sua inclinação para o alcoolismo não tinha nada que ver com isso. Talvez fosse o contrário? O hábito de servir as visitas e de querer agradá-las o mantivesse perto demais das garrafas. Curiosamente, o uísque ficava reservado. Como não recebia visitas de homens mais velhos, respeitáveis como ele, reservava-se o direito de guardar o Black Label exclusivamente para si. Ainda era cedo, por isso não era possível saber se o seu bom humor provinha da satisfação de receber os parentes ou do consumo dos aperitivos pré-ceia.

- E aí, estão falando mal de quem??? eu disse, entrando na cozinha, como um filme que se repetisse de geração em geração, com personagens que iam se encadeando no tempo. Antes eram minha tia Glória e seu marido, tio Gentil, cada um com seu copo de cerveja na mão, falando mal dos políticos de ocasião. Brizola era sempre o alvo preferido. Minha tia era o estereótipo do pobre de direita: professora do município, morava na periferia de Nova Iguaçu, ganhava pouquíssimo, mas seguia os locutores de rádio como hoje seguem pastores de igreja. Só que naquela época ainda não havia a grande onda evangélica e minha tia seguia a linhagem da família de minha mãe, toda espírita. A palavra correta era macumbeira, pois que não era totalmente umbanda, mas também não era o que se chamava espírita de mesa, coisa de classe média. E tinham o samba no sangue, tanto ela quanto meu tio. Essa parte da família vinha toda do norte fluminense: minha avó materna vinha de Campos, onde sua avó havia sido escrava de engenho, e meu tio Gentil vinha dos lados de Macaé, terra de índios brabos. Nessa época, quem estava sempre na pia lavando a louça era minha outra tia Gumercinda. Segunda mulher do meu tio Vadinho, evangélica e um poço de bondade e submissão. Começara a namorar meu tio enquanto ele ainda era casado com a primeira esposa, o que era um assunto pouco discutido na família. Provavelmente caiu na lábria de Vadinho, que não era flor que se cheirasse.

Hoje a família estava reduzida, e meu primo, filho de minha tia Glória, fazia as vezes de Gumercinda na pia da cozinha. Minhas irmãs, que nunca se bicaram, faziam trégua no Natal e conversavam animadamente, falando mal de um terceiro ausente. Via-se a sombra de meu sobrinho Juan de tempos em tempos, pois o menino não parava quieto um segundo, correndo pelo corredor e de um lado para o outro.

- De você, lógico! disse Virgínia, com um copo de energético na mão.

- Nada disso, retrucou Isabela. A gente estava lembrando de quando a gente era criança e morava no Alto. Das excursões à floresta, das cachoeira e dos alongamentos que o professor de ioga da Virgínia fazia antes de entrar no mato.

Em um segundo, eu me vi transportada para o verde escuro das trilhas da floresta da Tijuca. Fui invadida por um sentimento de proteção de um ser maior, aquela mata gigantesca, como um manto, como um organismo vivo que nos guardava de todo mal. Até hoje, a visão de qualquer verde me trazia uma calma imediata e inexplicável. Maldita hora em que o pai decidira vender a casa do Alto.